



## Valor 1000: GDM cria genética de ponta no campo

*Depois de crescer 25% em 2020, GDM quer elevar para 60% sua participação no mercado brasileiro de sementes de soja*

*Por Rita Cirne — São Paulo - Valor Econômico*

Os caminhos que levaram a GDM Seeds a liderar o mercado de semente de soja no Brasil e a ser campeã do Valor 1000 na categoria Serviços Especializados passam por constantes investimentos da companhia em tecnologia. De acordo com Gerardo Bartolomé, presidente da empresa, a prioridade de sua administração é o investimento em pesquisa e desenvolvimento.

Todos os anos, a GDM investe no Brasil R\$ 360 milhões somente em pesquisa. Dos mais de 750 funcionários da companhia no mundo, mais de 300 dedicam-se aos programas de P&D.

"Nós temos um compromisso de oferecer produtos de excelência aos agricultores. A cada novo lançamento, procuramos ter algo superior aos produtos anteriores para gerar mais valor aos nossos clientes e aos agricultores. A característica mais importante de nossas sementes é o potencial produtivo em quilos por hectare, que é o que permite o faturamento do produtor. Então, todos os anos, temos de gerar novos produtos ou variedades de soja que deem ao agricultor mais produtividade", diz o executivo.

Segundo ele, outro exemplo de eficiência é gerar novas cultivares para alguma região do Brasil que tenha um problema importante de praga. O compromisso é lançar variedades com resistência às doenças para que o agricultor não perca sua produtividade.

Para alcançar o nível de excelência que a empresa atingiu, Bartolomé afirma que, além do investimento em tecnologia, é importante investir na qualidade do produto e ter bons parceiros, que são os multiplicadores das sementes produzidas pela GDM. O modelo de parceria utilizado pela empresa é o licenciamento a clientes. "São eles que geram para a companhia grande capilaridade nas diferentes regiões agrícolas do Brasil."

Com as marcas Brasmax, DONMARIO e Neogen, a GDM chega a diferentes setores, multiplicadores e agricultores. De acordo com o executivo, a Brasmax é uma marca de genética de soja associada à paixão pela agricultura, com o compromisso de máximo rendimento. Ela tem se mantido como a marca de genética de soja número um dos agricultores brasileiros. Atualmente, tem 37% de participação no mercado e estima-se que na próxima safra chegue a 43%.

Já a DONMARIO promete levar genética de ponta, tecnologia e informações técnicas de qualidade para impulsionar a performance da soja nos campos. Detém 6% do mercado. A Neogen é uma marca nova, voltada para um perfil de produtor mais exigente, adepto à tecnologia e que busca meios de informações mais ágeis. É oferecida aos produtores também via e-commerce. A ideia é ser reconhecida como marca digital em plataformas de comercialização e comunicação com os produtores (redes sociais).

Bartolomé vê com otimismo o mercado brasileiro para essas marcas. Espera ter neste ano um crescimento da receita de 40% a 50%, não só porque estão licenciando maior volume de produtos, mas também porque o preço das commodities e dos grãos de soja aumentaram. No ano passado, a empresa cresceu 25% em relação a 2019.



“Mesmo diante do cenário econômico e das mudanças causadas pela pandemia, não tivemos muitas dificuldades de caráter econômico, porque os preços das commodities cresceram. Os agricultores tiveram alta rentabilidade e os multiplicadores também. Então, o cenário econômico para o setor é muito bom. A pandemia não afetou a atividade agrícola, que seguiu trabalhando.”

No seu entendimento, há também boas perspectivas para o país no mercado global. “Além do Brasil ser o produtor de soja número um no mundo, está crescendo também, e de forma importante, na produção de milho. Isso porque o país tem um grande potencial agroecológico de ambientes, chuvas, solos, regiões e superfícies. No caso da soja, vem crescendo entre 1 milhão e 1,5 milhão de hectares por ano”, avalia.

Nesse cenário, a GDM tem condições de passar dos 54% de participação do mercado brasileiro de sementes de soja para 60% ainda neste ano. No caso do milho, a empresa vem desenvolvendo pesquisas há três anos e deverá lançar na próxima safra dois híbridos do milho.

Entre os planos está também o lançamento, no próximo ano, do Optimus, ferramenta digital capaz de orientar os agricultores brasileiros sobre a melhor forma de usar os produtos da GDM – atualmente, a orientação é feita pelo agrônomo direto ao agricultor.

Bartolomé cita outro avanço importante no setor: o lançamento da plataforma biotecnológica da Corteva, a Conkesta Enlist. Até agora, no Brasil, havia apenas a plataforma da Bayer. “Nós, da GDM, geramos a genética que o agricultor vai usar, mas esse componente genético tem acessórios que são as plataformas de biotecnologia. A nossa missão é fornecer ao agricultor produtos de alta tecnologia com diferentes plataformas biotecnológicas.

As principais diferenças dessas plataformas são a resistência a insetos e controle de ervas daninhas com diferentes metodologias e produtos”.

“Fazendo uma analogia com a indústria automobilística, nós, da GDM, fabricamos o “carro” e pegamos o airbag de empresas terceiras que nos fornecem esse material. Nós construímos a base genética e usamos acessórios de diferentes fornecedores. No passado, o único fornecedor era a Bayer. Agora, temos a Bayer e a Corteva. Então, para a GDM há uma oportunidade. Se há mais demanda de uma ou de outra tecnologia, nós vamos oferecer o melhor produto. Não necessariamente o mesmo produto, mas podemos oferecer o melhor com plataforma da Bayer ou da Corteva.”

Segundo o executivo, os outros dois países produtores de soja onde a empresa opera são os Estados Unidos e a Argentina. E a sede está na Argentina. No Brasil, a base fica em Londrina e nos Estados Unidos, em Champaign, no Estado de Illinois. Hoje, o Brasil representa 45% do faturamento total da GDM. E, pelo crescimento que a empresa tem aqui, e para ter outra sede para os funcionários das áreas não agrícolas, está abrindo um escritório em Campinas (SP).

Nesse espaço, ficarão os postos que vão atender aos Estados Unidos, Argentina e novos territórios como Europa, China e África do Sul.

“Já temos escritórios na Europa, na Hungria e na África do Sul. No caso da China, é o terceiro ano que estamos fazendo pesquisa. Lá é mais complicado, porque a China não permite as culturas Transgênicas. Estamos trabalhando em soja sem plataforma transgênica, porque a China não aprova, mas comenta-se que vai aprovar – como a Argentina, Brasil e Estados Unidos – as culturas transgênicas. Isso nos dá um grande otimismo de que poderemos ser um player na China. Hoje, o país tem dez milhões de hectares de soja”.



Créditos: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2021/09/29/valor-1000-gdm-seeds-cria-genetica-de-ponta-no-campo.ghtml>